

Maria Irene da Fonseca e Sá*

*A Influência de Padre António Vieira
nos Romances de José Saramago*

1. *Introdução*

O escritor português José Saramago, nascido em 1922, sempre crítico e desassossegado, expunha em seus romances e em suas falas os problemas que ele identificava na sociedade contemporânea. Ele afirmava: «[Não escrevo] por amor, mas por desassossego. Escrevo porque não gosto do mundo em que vivo.» (Saramago *apud* Aguilera, 2010: 222).

Nesse sentido, a irracionalidade do mundo atual foi o argumento para o desenvolvimento de vários de seus romances. No romance *Ensaio sobre a Cegueira* encontra-se a descrição de episódios que remetem às necessidades básicas e ao que há de pior no ser humano. A preocupação de Saramago com o agir do ser humano está presente na trama de muitas de suas obras e é constante em suas falas.

Da mesma forma, o Padre António Vieira, filósofo, missionário, diplomata, réu da Inquisição e escritor, nascido em 1608, proclamava que «As vozes do pregador hão-de ser como as caixas e trombetas de guerra, que espertam, animam, e tocam à arma» (Vieira *apud* Silva, 2013: 93), ressaltando a responsabilidade do padre pregador no que diz respeito a alertar as pessoas para os desvarios, inequidades e injustiças praticadas pelas pessoas. Ele denunciava as perversidades que identificava na sociedade da época em que viveu:

Que é este mundo senão um mapa universal de misérias, de trabalhos, de perigos, de desgraças, de mortes? E à vista de um teatro imenso, tão trágico, tão funesto, tão lamentável, aonde cada reino, cada cidade e cada casa continuamente mudam a cena, aonde cada sol que nasce é um cometa, cada dia que passa um estrago, cada hora e cada instante mil infortúnios; que homem haverá (se acaso é homem) que não chore? Se não chora, mostra

* Pós-doutora Universidade do Porto. Docente, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

que não é racional; e se ri, mostra que também são risíveis as feras (Vieira apud Silva, 2013: 177-178).

Padre António Vieira nasceu em Portugal, mas foi no Brasil que começou a escrever seus *Sermões* e a evangelizar. Ele viveu como missionário, diplomata e orador, entre Portugal e Brasil. Era da Companhia de Jesus, responsável por levar o Cristianismo às colônias ultramarinas portuguesas e morreu em Salvador, na Bahia, em 1697. O religioso foi um transgressor, pois defendeu os direitos dos indígenas, assim como condenou a escravidão dos mesmos, com quem conviveu e aprendeu a língua tupi. Também advogou pelo fim da distinção entre cristãos velhos e cristãos novos – judeus convertidos ao Cristianismo e perseguidos pela Inquisição da Igreja Católica.

A maioria dos textos de Vieira foi escrita no formato de sermões, ou seja, textos em prosa de orientação moral e religiosa. Também escreveu cartas, textos proféticos, poesia e teatro.

Os *Sermões* trazem a essência do estilo barroco. No *Sermão de Santo Antônio aos peixes*, Vieira usa a alegoria dos peixes para criticar a exploração do homem pelo homem. De forma irônica, Vieira espõe a prepotência dos grandes, a ganância, a corrupção e os desequilíbrios sociais no mundo, temas presentes em vários romances de Saramago. No *Sermão de quarta-feira de cinza*, Vieira propõe aos homens que não temam em perder a vida, pois esta é uma condição de ser homem. No mesmo sentido, Saramago discute a necessidade da morte no romance *As intermitências da morte*. Portanto, é perceptível a influência de Padre António Vieira no desenvolvimento dos romances de José Saramago.

Assim, o trabalho tem por objetivo discutir a influência de Vieira (1608-1697) nos romances e no pensar de Saramago (1922-2010).

2. Os Romances de Saramago e os Sermões de Vieira

O escritor Saramago dizia: «[Os meus escritores de referência são] Montaigne, Cervantes, o padre António Vieira, Gogol e Kafka.», e afirmava que: «[...] Nunca se escreveu na língua portuguesa com tanta beleza como ele o fez.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 217), enaltecendo a escrita do pregador Vieira. E, exaltando a língua portuguesa e a obra literária de Vieira, Saramago exclamou: «[...] a língua portuguesa nunca foi mais bela que quando a escreveu esse jesuíta» (Saramago, 2009b: 162).

Assim, com admiração pela linguagem de Vieira, Saramago não escondia a influência da escrita de Vieira em sua obra. Ele celebrava: «António Vieira é uma dívida que reivindico. E mesmo que me digam que tal influência não se nota assim tanto na minha própria linguagem, sei que, profundamente, é o verbo vieiriano que vai ressoando no meu cérebro enquanto escrevo. Por um pouco lhe chamaria arquétipo.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 246).

Dessa forma, Saramago afirmava que: «[Sobre o Padre António Vieira] penso que foi o maior escritor da nossa língua.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 253). E, é o próprio Saramago que fala de seu estilo de escrita e de como ele está alicerçado nos *Sermões* de Padre António Vieira.

Isto a que chamam o meu estilo assenta na grande admiração e respeito que tenho pela língua que foi falada em Portugal nos séculos XVI e XVII. Abrimos os *Sermões* do Padre António Vieira e verificamos que há em tudo o que escreveu uma língua cheia de sabor e de ritmo, como se isso não fosse exterior à língua, mas lhe fosse intrínseco.

Nós não sabemos ao certo como se falava na época, mas sabemos como se escrevia. A língua então era um fluxo ininterrupto. Admitindo que possamos compará-la a um rio, sentimos que é como uma grande massa de água que desliza com peso, com brilho, com ritmo, mesmo que, por vezes, o seu curso seja interrompido por cataratas.

Chegam dias de férias, uma boa ocasião para entrar nesta água, nesta língua escrita pelo Padre Vieira. Não aconselho nada a ninguém, mas digo que vou mergulhar na melhor prosa e vou desaparecer estes dias. Alguém quer acompanhar-me? (Saramago, 2009b: 43).

Considerando-se este convite de Saramago, estudam-se alguns dos *Sermões* de Padre António Vieira, de modo a evidenciar a influência de Vieira também nos temas dos romances de Saramago, além de influenciar o seu estilo de linguagem.

Em seus romances, Saramago, assim como Vieira em seus *Sermões*, busca cativar o ouvinte despertando sua consciência e convidando-o a pensar e agir.

Calafate lembra que «Um dos temas recorrentes nos escritos de Vieira é o da maldade e da crueldade dos homens.» (Calafate, 1997: 361) e Silveira considera que «A pena de Vieira carregava nas tintas, tingindo o Catolicismo de matizes paganizantes e judaizantes, em que repontava

o colorido vivo da “fábula” ou “ficção” [...]» (Silveira, 1997: 538). Se não falassem explicitamente de Vieira, poder-se-ia entender que falavam da obra de Saramago.

Em 9 de outubro de 1998, a Academia Sueca comunicou a atribuição do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago que, «com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia torna constantemente compreensível uma realidade fugidia» (Nobel Prize, 1998). Assim, a Academia Sueca atribui o termo ‘parábola’ aos romances de Saramago.

A publicação *Discursos de Estocolmo*, da Fundação José Saramago, considera que os romances de Saramago são alegorias:

Os seus trabalhos literários podem ser interpretados como alegorias que apresentam perspectivas subversivas sobre factos históricos, ou que criam, a partir de situações impossíveis, realidades que tratam de explicar o mundo em que vivemos, este mundo em que o ser humano não é a prioridade absoluta, como o escritor não se cansava de repetir. (*Discursos de Estocolmo*, 1998).

Umberto Eco fala de parábolas, alegorias, fábulas, metáforas...

[...] que na sua crítica moral e social nunca leva o problema a peito, mas poeticamente o contorna nos modos do fantástico e do alegórico, de modo que o seu leitor (embora suspeitando que de te fábula narratur) terá de pôr muito de si para compreender até onde vai parar o apólogo [...] E este escritor fantasioso e metafórico [...] E este delicado tecelão de parábolas [...]. (Eco, 2009).

Portanto, sendo parábolas, alegorias, fábulas ou metáforas, os romances de Saramago fazem uso de diferentes e diversos recursos para levar suas mensagens ao leitor, de forma semelhante ao que Vieira fez em seus *Sermões*.

3. *Sermão de quarta-feira de cinza* (Roma, 1672)

No *Sermão de quarta-feira de cinza*, Padre Antônio Vieira propõe aos homens que não temam em perder a vida, pois esta é uma condição do ser humano, mas temam uma eternidade que não seja prazerosa, ou seja, os homens são responsáveis por suas escolhas e são elas que

definem sua trajetória.

Neste sermão, Vieira proclamava: «Lembra-te, homem, que és pó levantado e hás-de ser pó caído.» (Vieira apud Silva, 2013: 56). E, enfatizava: «Sois pó, é a presente; em pó vos haveis de converter, é a futura. O pó futuro, o pó em que nos havemos de converter, veem-no os olhos; o pó presente, o pó que somos, nem os olhos o veem, nem o entendimento o alcança.» (Vieira apud Silva, 2013: 56). Desta forma, o jesuíta pregava sobre a natureza humana e sua efemeridade.

No mesmo sermão, Vieira discorre sobre a morte: «Nenhuma coisa se faz bem da primeira vez, quanto mais a maior de todas, que é morrer bem. Reparo é digno de toda a admiração que, sendo tantas as meditações da morte, e tantos os despertadores deste desengano, sejam, tão poucos os que sabem morrer.» (Vieira apud Silva, 2013: 74-75). Ele alerta que, apesar de tanto já se ter escrito sobre a finitude da vida, a morte continua a ser um obstáculo no viver das pessoas e poucas são as que conseguem viver com o entendimento de que a morte faz parte da vida e da natureza.

Neste mesmo sentido, Saramago escreve o romance *As Intermittências da Morte*, em 2005. Neste romance, Saramago mantém a crítica aos estratégias de perversidades, arbitrariedades e conivências praticados pelos diferentes componentes da sociedade – o governo, as empresas, as religiões, as associações ilegais. A epígrafe do romance resume o pensamento de Saramago sobre o ser humano: «Saberemos cada vez menos o que é um ser humano.» (Saramago, 2014). Assim, o agir e pensar do ser humano é uma incógnita. E, está implícito que o ser humano não tem a sabedoria de perceber sua transitoriedade neste mundo. Vive-se como se não houvesse morte ou então a morte está tão longe que não vale a pena se preocupar com ela.

Saramago explana sobre o romance:

[...] tomei a morte como tema de uma reflexão mais profunda. No livro, uso primeiro uma grande angular e crio uma fantasia em torno de uma suposição: como a ausência da morte afectaria uma sociedade inteira? Depois, fecho a objectiva para um caso específico: a morte materializa-se em personagem e tenta carregar para o além um violoncelista que insiste em não morrer. Procuro demonstrar que a morte é fundamental para o equilíbrio da natureza. (Saramago apud Aguilera, 2010: 330).

Assim, Saramago considera a morte como inerente à vida. Ela está presente em toda a natureza. Para que uns vivam outros têm que fenecer. É o ciclo da vida.

Além de discursar sobre a morte, no romance, Saramago questiona o viver da sociedade e suas barbaridades. Ele fala sobre o romance: «Disse para mim: vamos falar da vida de hoje através da morte: do funcionamento dos políticos, dos idosos atirados para lares, do egoísmo, da sensualidade...» (Saramago apud Aguilera, 2010: 331). Portanto, ele interpela seus leitores sobre as suas ações enquanto seres humanos. Há que ter consciência da natureza humana, que é pó. Vieira adverte: «Lembra-te, homem, que és pó levantado e hás-de ser pó caído.» (Vieira apud Silva, 2013: 56). O que importa é o que se está a fazer agora e não o que será, ou se fará, após a morte.

Neste contexto, Saramago interroga: «Porque gastamos tanto tempo a perguntar o que há além da vida? Se nos interrogássemos sobre o que realmente se está a passar aqui na vida, no tempo que nos calhou.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 331). É a reflexão que Vieira provoca em seu *Sermão de quarta-feira de cinza*: cada ser humano é “pó presente” e, portanto, necessita viver de acordo com sua condição de ser mortal.

Saramago conclui que a morte é uma necessidade da vida:

Viver eternamente seria estar condenado a uma velhice eterna. Salvo se o tempo parasse. E isso não está no livro. Mas teria também efeitos perversos. No fundo, o livro [*As Intermitências da Morte*] empurra uma porta aberta. Diz aquilo que todos já sabemos: que temos que morrer. Mas talvez mostre, com mais clareza, que temos que morrer para viver. Se não, a vida seria insuportável. (Saramago apud Aguilera, 2010: 331-332).

No entanto, como em grande parte dos romances de Saramago, a esperança, ainda que tênue, surge ao final do romance e apresenta a vitória do amor sobre a morte, mesmo que seja temporária: «A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu.» (Saramago, 2014: 229).

Assim, o romance termina com a mesma frase que o iniciou: «No dia seguinte ninguém morreu». Mas, o que significa não haver mortes? Saramago discorre sobre uma morte pior do que a morte física. «Esquecer é a morte definitiva e se lográssemos não esquecer, embora saibamos que não é possível guardar tudo na memória, isso será prolongar a vida e os nomes das pessoas, dotá-las de outra existência.» (Saramago, 2013: 40). Portanto, o esquecimento, em vida ou após a morte física, é a verdadeira morte.

Desta forma, o romance *As Intermittências da Morte* confirma o pensar e a sentença de Saramago: «A nossa única defesa contra a morte é o amor.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 182), ou como diz Vieira: «O amor perfeito, e que só merece o nome de amor, vive imortal sobre a esfera da mudança, e não chegam lá as jurisdições do tempo.» (Vieira apud Silva, 2013: 19). Desta forma, o pior da vida não é a morte, mas a ausência do amor que transcende o tempo e a morte.

4. *Sermão de Santo Antônio aos Peixes (Maranhão, 1654)*

No *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, além de exaltar a necessidade da pregação, Vieira usa a alegoria dos peixes para criticar a exploração do homem pelo homem e, mais especificamente, para condenar a escravidão indígena.

Este sermão revela ironia e riqueza nas sugestões alegóricas e agudo senso de observação sobre os vícios e vaidades do homem, comparando-o, por meio de alegorias, aos peixes. Critica a prepotência dos grandes, que, como peixes, vivem do sacrifício de muitos pequenos, os quais «engolem» e «devoram». Vieira, fazendo uma análise da sociedade de sua época, prega:

Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer. [...] Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, ou poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros (Vieira, 1979: 114-116).

Na sua admoestação, o autor Vieira estende sua crítica aos pregadores da Igreja Católica:

Vós [...], falando com os pregadores, sois o sal da terra; e chama-lhe sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício

de sal, qual será, ou qual pode ser a causa dessa corrupção? [...] o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem que fazer o que dizem (Vieira, 1979: 101).

Assim, na advertência de Vieira, pode-se perceber que o poder corrompe a sociedade. E a ganância e a prepotência estão presentes em todas as camadas da sociedade, inclusive naquelas que dizem respeito à organização da Igreja Católica.

Nesse mesmo sentido, Saramago, sempre cético quanto à sociedade, dizia: «Vivemos numa época de gregarismo e com a sensação de que o mundo se tornou inseguro; assim não se vislumbra como sairemos de tudo isso, porque a razão e a resposta é uma das palavras mais velhas do mundo: o poder.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 495).

Saramago reflete sobre a questão do poder:

Como sempre sucedeu, e há-de suceder sempre, a questão central de qualquer tipo de organização humana, da qual todas as outras decorrem e para a qual todas acabam por concorrer, é a questão do poder, e o problema teórico e prático com que nos enfrentamos é identificar quem o detém, averiguar como chegou a ele, verificar o uso que dele faz, os meios de que se serve e os fins a que aponta (Saramago, 2009a: 38).

Portanto, o poder é inerente à sociedade e nem sempre é adequadamente usado. As camadas da sociedade mais desprovidas, seja de bens ou de conhecimento, são as que mais facilmente são manipuladas e desprezadas no que diz respeito a tomada de decisões políticas e econômicas. Saramago lembra que: «Há que ter em conta que a distância entre os que têm e os que não têm só tem paralelismo com a distância que existe entre os que sabem e os que não sabem, e os que não têm são os que não sabem: são condenados desde que nascem.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 496-497).

Desta forma, a questão do poder sempre preocupou Saramago e está presente em alguns de seus romances. O que se percebe, através do que está em seus romances e em suas falas, é que a humanidade não se preocupa com a humanidade, mas com certas classes da humanidade, que dificilmente são as menos favorecidas e as mais necessitadas de atenção.

Em 2000, Saramago publica o romance *A Caverna*, uma parábola social, no qual ele traz sua crítica para a sociedade de espetáculos que se cristaliza no poder das novas tecnologias e nos grandes centros comer-

ciais, em que o ser humano não perde o emprego mas a função. É a sociedade da exibição na qual prevalecem os verbos comprar e vender. Assim, «Se a preocupação está em ter, ter, ter, uma pessoa cada vez se preocupará menos em ser, ser e ser.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 483).

No romance, a personagem Cipriano Algor é apresentada no primeiro parágrafo do romance: «O homem que conduz a camioneta chama-se Cipriano Algor, é oleiro de profissão e tem sessenta e quatro anos» (Saramago, 2000: 11). Um idoso que de repente percebe que o que sabe fazer não é mais necessário. Já no princípio do romance, Cipriano Algor é avisado da falta de mercado para os seus produtos artesanais: «Pode dizer-me o que é que fez que as vendas tivessem baixado tanto, Acho que foi o aparecimento aí de umas louças de plástico a imitar o barro, imitam-no tão bem que parecem autênticas, com a vantagem de que pesam muito menos e são muito mais baratas» (Saramago, 2000: 23). Assim, Cipriano Algor percebe que aquilo que sempre fez não é mais necessário e ele proclama: «[...] trabalhas, trabalhas e trabalhas, e um dia [...] dizem-te que o que fizeste não serviu para nada» (Saramago, 2000: 43). É a denúncia de um mundo globalizado onde a produção artesanal não tem lugar. Cipriano Algor passa a fazer considerações sobre o mundo globalizado: «Como é que uma pessoa se prepara para levar uma martelada na cabeça» (Saramago, 2000: 42).

Saramago esclarece: «Quando às vezes eu digo que *A Caverna* é um romance sobre o medo [...] É o medo de perder o emprego. Há um medo instalado na sociedade moderna, talvez pior que todos os outros medos: é o medo da insegurança, o medo de amanhã não ter com que alimentar a família.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 326).

O romance apresenta uma sociedade na qual as grandes empresas engolem os pequenos artesãos, produtores...

No romance, a caverna é simbolizada pelo centro comercial, onde toda a vida e verdade se concentram. No entanto, a família de oleiros, liderada pela personagem idosa Cipriano Algor, se recusa a aceitar a realidade do centro. Assim, renasce a esperança, voltada para casos isolados e não como fenómeno social, ressaltando o pessimismo do autor que está descrente da humanidade. A família de oleiros, liderada pela personagem idosa Cipriano Algor, se recusa a aceitar a realidade do centro comercial, do mundo consumista e da sociedade do espetáculo.

Em 2002, Saramago publica *O Homem Duplicado*, no qual Saramago mantém a preocupação com o mundo globalizado, com a sociedade do exibicionismo, com a cultura do descartável e com a alienação do ser humano. É apresentado um ser humano incapaz de se

ver no próximo, em que o ‘eu’ fica ameaçado pela presença do ‘outro’. Enquanto o mundo se globaliza através de uma cultura geral (moda, música, costumes ...), o ser humano não se vê no seu igual, ou melhor não aceita o outro igual a si. Saramago explica:

Nesta história, o “outro” tem um significado que nunca antes teve. Actualmente, no mundo, entre “eu” e o “outro” há distâncias e não é possível superar essas distâncias, e por isso o ser humano cada vez consegue menos chegar a um acordo. As nossas vidas são compostas em cerca de 95% pela obra dos outros. No fundo vivemos num caos e não existe uma ordem aparente que nos governe. Então a ideia-chave no livro é que o caos é um tipo de ordem por decifrar. Com este livro proponho ao leitor que investigue a ordem que existe no caos. (Saramago apud Aguilera, 2010: 333).

Assim, Saramago propõe que as distâncias ente os seres humanos sejam vencidas, que se pratique a alteridade e que se busque encontrar a ordem que existe no caos da sociedade contemporânea. No entanto, ele alerta que «[...] nenhuma coisa é simples, que só às vezes o parece, e que é justamente quando mais o parecer que mais nos convirá duvidar» (Saramago, 2002: 125). Portanto, ele reconhece que olhar o ‘outro’ e buscar o entendimento com ele não é uma tarefa fácil. Neste sentido, ele avisa: «Todos os dicionários juntos não contêm nem metade dos termos de que precisaríamos para nos entendermos uns aos outros.» (Saramago, 2002: 125).

Saramago proclama que «O mundo não está bem organizado» (Saramago, 1997: 46). Com esta afirmação ele alerta para a sociedade consumista que desperdiça o que faz falta a outra parte da sociedade. Ele alerta para o poder dos governos e das grandes organizações. Saramago critica também a má utilização dos bens naturais do mundo: «A beleza do mundo futuro pouco nos importa se não estivermos nele» (Saramago, 2014: 112).

Vieira, em seu sermão, adverte: «Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer.» (Vieira, 1979: 114).

Da mesma forma, nos romances citados, Saramago quer discutir a composição dos impérios econômicos e as relações entre os diferentes seres humanos. Ele pretende levar seus leitores à reflexão sobre a solidariedade, a compaixão, a distribuição de riquezas, a compreensão das diferenças e a rejeição às desigualdades.

5. *Sermão da Quinta Quarta-Feira da Quaresma (Lisboa, 1669)*

Neste sermão, Vieira ensina que «A cegueira que cega cerrando os olhos, não é a maior cegueira; a que cega deixando os olhos abertos, essa é a mais cega de todos.» (Vieira apud Silva, 2013: 30). Assim, ele discorre sobre o cego de olhos abertos. Aquele que vendo não vê. O uso de paradoxos, ou seja, a associação de ideias contraditórias é um recurso de linguagem frequente nos sermões de Padre Vieira.

E, Vieira ainda previne: «Não pode haver maior cegueira, nem mais cega, que ser um homem cego e cuidar que o não é.» (Vieira apud Silva, 2013: 30), ressaltando as fraquezas, debilidades, insanidades e incoerências dos seres humanos. Portanto, Vieira apresenta uma modalidade de cegueira específica, que não diz respeito à falta da vista, mas de uma deturpação do que se vê. Sua intenção é chamar a atenção de seus ouvintes (e leitores) para a realidade do que se vive. Desta forma, ele proclama: «Não basta ver para ver, é necessário olhar para o que se vê.» (Vieira apud Silva 2013: 40), afirmando que não é suficiente a captação das imagens, mas é necessária reflexão e análise sobre o que se vê.

Neste sentido, ele questiona os membros do poder governamental:

Ministros da república, da justiça, da guerra, do estado, do mar, da terra: vedes as obrigações que se descarregam sobre o vosso cuidado, vedes o peso que carrega sobre vossas consciências, vedes as desatenções do governo, vedes as injustiças, vedes os roubos, vedes os descaminhos, vedes os enredos, vedes as dilações, vedes os subornos, vedes os respeitos, vedes as potências dos grandes e as vexações dos pequenos, vedes as lágrimas dos pobres, os clamores e gemidos de todos? Ou o vedes ou o não vedes. Se o vedes, como o não remediais? E, se o não remediais, como o vedes? Estais cegos. (Vieira apud Silva, 2013: 178).

Assim, Vieira chama de cegos aqueles que vendo não vêem os problemas que assolam a humanidade. Seguindo o mesmo raciocínio, Saramago publica o romance *Ensaio sobre a Cegueira*, em 1995. A irracionalidade do mundo contemporâneo foi o argumento para o desenvolvimento desse romance, que descreve com crueldade episódios que remetem às necessidades básicas do ser humano e ao que há de pior nele. *A epígrafe do romance*: «Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.» (Saramago, 1995) corrobora e reforça a pregação de Vieira.

Saramago explica e justifica sua motivação para escrever o romance:

«[...] escreveu-se o Ensaio sobre a Cegueira, para me perguntar a mim mesmo e aos leitores se podemos continuar a viver como estamos a viver e se não haverá uma forma mais humana de viver que não seja a crueldade, a tortura e a humilhação, que costuma ser o desgraçado pão de cada dia.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 315).

No romance, a personagem mulher do médico, que não cegou, fica atenta ao sofrimento de todos que chegam ao manicômio, onde são reclusos todos os que cegam, e presencia todo tipo de barbárie, procurando manter-se racional, no controle da situação e fingindo que está cega. O ambiente descrito é decadente e cruel, corroído pela falta de moral, pelo egoísmo, pela falta de solidariedade, pelo valor do imediato, pela maldade e pela exacerbação do eu. Nesse cenário, a mulher do médico busca agir com coerência e sensatez, tentando mitigar o desalento e angústia dos que foram atingidos pela cegueira. Porém, ela sofre com a visão e percepção do despautério do ambiente em que está a viver. Ela diz ao marido: «Se tu pudesses ver o que eu sou obrigada a ver, quererias estar cego.» (Saramago 1995: 135), denunciando as brutalidades e desumanidades que a todo tempo presencia. Em outra parte do romance, a mesma personagem diz para os seus amigos cegos: «É que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o» (Saramago, 1995: 262). E, ela ainda discorre sobre a «[...] responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam» (Saramago, 1995: 241). No mundo irracional, aquele que se mantém racional sofre com o entendimento do sofrimento infligido à sociedade. Saramago afirma, falando do que está no romance e no mundo: «É o mundo que existe. Não há nada no livro que não possa ser encontrado no mundo real.» (Saramago 2015: 32). E refletindo sobre o agir do ser humano, Saramago faz uma personagem do romance proferir: «Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos» (Saramago, 1995: 262). E, essa coisa pode ser boa ou má.

Portanto, analisando este romance, pode-se perceber o paralelo que é estabelecido entre a cegueira relatada no romance e a irracionalidade do ser humano. Uma personagem do romance, faz um paralelo entre o medo e a cegueira: «O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos» (Saramago, 1995: 131). Assim, Saramago reforça o tema do medo: medo do desemprego, medo da fome, medo da falta do necessário para a subsistência, medo do abandono, medo da solidão..

Saramago, ao final da história, faz a mulher do médico proferir: «Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.» (Saramago, 1995: 310). É impossível não perceber a identidade com Vieira: «Nós temos olhos e não vemos [...] no mesmo tempo, está junta a vista com a cegueira, porque somos cegos com os olhos abertos e, por isso, mais cegos que todos.» (Vieira apud Silva, 2013: 56-57).

6. Considerações

As críticas de Padre António Vieira ao proceder do ser humano estão presentes em muitos dos Sermões, assim como estão também presentes nos diversos romances de José Saramago e nas suas declarações através de entrevistas ou nos seus diários..

Vieira fala da ambição do ser humano: «Não está o erro em desejarem os homens ser, mas está em não desejarem ser o que importa.» (Vieira apud Silva, 2013: 57) e afirma que:

Os homens só os distingue a virtude, e não há mais que dois géneros de gente neste mundo, bons e maus. Só o que está dentro de nós nos pode distinguir intrínseca e verdadeiramente, e este é o vício ou a virtude: tudo o mais são cousas que ficam de fora: podem mudar as aparências, mas não distinguir as pessoas.» (Vieira apud Silva, 2013: 227).

Saramago, por sua vez, diz: «Muita gente diz-me que eu sou pessimista; mas não é verdade, é o mundo que é péssimo. O ser humano limita-se na actualidade a «ter» coisas, mas a humanidade esqueceu-se de «ser». Ser dá muito trabalho: pensar, duvidar, interrogar-se sobre si mesmo...» (Saramago apud Aguilera, 2010: 163-164). E, com discernimento, ele aponta que «Todos somos feitos de ruindade e de indiferença.», numa total descrença do atuar do ser humano.

Vieira discorre sobre as diversas necessidades que afligem as pessoas:

A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessário para o sustento da vida, é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto império que despoticamente domina sobre todos os que vivem. Não há cousa tão dificultosa, tão árdua, tão repugnante à natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não sujeite, não

por vontade, mas por força e violência, a duríssima e inviolável lei da necessidade. (Vieira apud Silva, 2013: 180).

Saramago corrobora, alertando para a responsabilidade de cada pessoa, num mundo repleto de carências:

Se o homem não for capaz de organizar a economia mundial de forma a satisfazer as necessidades de uma humanidade que está a morrer de fome e de tudo, que humanidade é esta? Nós, que enchamos a boca com a palavra humanidade, acho que ainda não chegámos a isso, não somos seres humanos. [...] Temos aí o espetáculo do mundo e é uma coisa arrepiante. (Saramago apud Aguilera, 2010: 152).

Vieira explica como o amor fraterno se perdeu: «Antes de haver meu e teu, havia amor, porque eu amo-vos a vós e vós a mim: mas tanto que o meu e teu se meteu de permeio, e se atravessou entre nós, logo se acabou o amor; porque vós já me não amais a mim, senão o meu, nem eu vos amo a vós, senão o vosso.» (Vieira apud Silva, 2013: 195). Ou seja, o ‘ter’, explorado por Saramago, é o que importa no mundo em que predomina o espetáculo e a exibição.

Vieira enunciou que: «Nascer pequeno e morrer grande é chegar a ser homem. Por isso Deus nos deu tão pouca terra para o nascimento e tantas para a sepultura. Para nascer, Portugal, para morrer, o mundo» (Vieira, 1670), já profetizando sua eternidade como escritor, lido em todo mundo. Da mesma forma, Saramago expressou que: «Escrevemos porque não queremos morrer. É esta a razão profunda do acto de escrever.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 212) e, complementou: «No fundo, todos temos necessidade de dizer quem somos e o que é que estamos a fazer e a necessidade de deixar algo feito, porque esta vida não é eterna e deixar coisas feitas pode ser uma forma de eternidade.» (Saramago apud Aguilera, 2010: 216), confirmando a eternidade a partir da lembrança de seus leitores.

Vieira interroga seus leitores: «Se nos vendemos tão baratos, porque nos avaliamos tão caros?» (Vieira apud Silva, 2013: 109). Saramago, por sua vez, considera: «Se o negócio é bom ou mau, isso depende, que o dinheiro não tem sempre o mesmo valor, ao contrário dos homens, que sempre valem o mesmo, tudo e coisa nenhuma.» (Saramago, 2011a: 107).

Quanto ao mundo, Vieira proferiu que: «Quem conhece verdadeiramente o mundo precisamente há-de chorar; e quem ri ou não chora não o conhece.» (Vieira apud Silva, 2013: 177). E, Saramago, corroborando,

mencionou que: «O mundo nunca foi um lugar tão perigoso como sucede na actualidade» (Saramago apud Aguilera, 2010: 493) .

Finalmente, Vieira proferia que: «Não há poder maior no mundo que o do tempo: tudo sujeita, tudo muda, tudo acaba.» (Vieira apud Silva, 2013: 105), fazendo uma reflexão sobre a finitude do ser humano e Saramago conclui: «Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam.» (Saramago, 2008), ou seja, a morte.

José Saramago e Padre António Vieira tinham muito em comum: ambos se dedicaram à literatura, à oratória e à filosofia.

Saramago, sempre muito realista, afirmou que «Estamos rodeados de imagens que nos mostram que o mundo está mal, mas nós estaremos bem pior no dia em que nos tivermos acostumado tanto à violência que a consideremos natural – ou cultural, se assim preferirem.» (Saramago, 2011b: 93), enquanto Vieira questionava: «[...] quero acabar, deixando-vos quatro pontos de consideração para os quatro quartos desta hora: primeiro, quanto tenho vivido? Segundo, como vivi? Terceiro, quanto posso viver? Quarto, como é bem que viva?» (Vieira apud Silva, 2013: 120-121). Reflita-se, lendo Vieira ou Saramago.

Referências Bibliográficas

- Aguilera, F.G. (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Alfragide: Editorial Caminho;
- Calafate, P. (1997). António Vieira ou o elogio da tolerância. *Brotéria Cultura e informação* 4/5, Vol. 145, 361-373;
- Eco, U. Um blogger chamado Saramago. (2009). In Saramago, J. *O Caderno 2*. Alfragide: Editorial Caminho, 13-19;
- Nobel Prize (1998). http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/press-po.html (último acesso em 03/02/2023);
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras;
- Saramago, J. (1998). *Discursos de Estocolmo*. Lisboa: Fundação José Saramago;
- Saramago, J. (2000). *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras;
- Saramago, J. (2002). *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras;
- Saramago, J. (2008). *A Viagem do Elefante*. São Paulo: Companhia das Letras;

- Saramago, J. (2009a). *O Caderno*. Alfragide: Editorial Caminho;
- Saramago, J. (2009b). *O Caderno 2*. Alfragide: Editorial Caminho;
- Saramago, J. (2011a). *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil;
- Saramago, J. (2011b). *Cadernos de Lanzarote Diário V*. Alfragide: Editorial Caminho;
- Saramago, J. (2013). *A estátua e a pedra*. Lisboa: Fundação José Saramago;
- Saramago, J. (2014). *As Intermittências da morte*. 3ª ed. Porto: Porto Editora;
- Saramago, J. (2015). *Ensaio sobre a cegueira: arquitetura de um romance: notas do autor*. Lisboa: Porto Editora;
- Silva, P. N. da. (2013). *Citações e pensamentos de Padre António Vieira*. Alfragide: Casa das Letras;
- Silveira, F. M. (1997). A persuasão em António Vieira: uma história do futuro. *Brotéria Cultura e Informação* 4/5, Vol. 145, 523-539;
- Vieira, Padre António. (1979). *Sermões*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Vieira, Padre António. (1672). *Sermão de quarta-feira de cinza*. https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-02143.html (último acesso em 03/02/2023).
- Vieira, Padre António. (1670). *Sermão de Santo Antônio em Roma*. <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=134858> (último acesso em 03/02/2023).